



FIM DE SEMANA • 63

Hoje, 27 de Julho, marca-se uma data histórica na existência de Portugal pelo reconhecimento corajoso do Senhor Presidente da República, General António Spínola, do direito à independência das colónias portuguesas da Guiné, Angola e Moçambique.

Após um desvio de 48 anos, Portugal retomou a sua tradição humanista do auxílio a povos menos desenvolvidos, lançando-os no seu próprio destino — tarefa que vinha dos últimos anos da Monarquia e da primeira República, interrompida com o 28 de Maio de 1926, quando, abandonando a tradição de desenvolvimento progressivo das colónias, passamos a uma orientação imperialista de subjugação dos povos coloniais aos interesses de capitais de uns poucos portugueses — E nem só.

Ao fim destes anos, sobretudo destes últimos anos de guerra com os movimentos de independência das colónias, em que todo o mundo nos desprezou, vexou e abandonou, deixo de sentir vergonha de ser português e sinto-me cidadão do mundo em plano humanista de plena igualdade com todos os outros cidadãos do mundo.

Creio que, como eu, a maioria dos portugueses.

Toda a nossa gratidão para o M. F. A.

Vai seguir-se período difícil — o de descolonização que vai encontrar

oposições e reacções de minorias ou determinadas por interesses racistas, ou capitalistas, ou até por um errado conceito de Pátria e Tradição que a escola do tempo de Salazar e Marcelo incutiu nas gerações que educou, até que tomou consciência dos vícios que enfermavam os conceitos de política interna e ultramarina que a aristocracia detentora do poder se obstinava em prosseguir.

Mas quem teve a coragem de proclamar o princípio do reconhecimento do direito à independência das colónias, tem sem dúvida a coragem, a prudência e o discernimento necessário, para, com a colaboração de um governo, um Conselho de Estado e uma Junta adoptados de iguais predicados encaminhar a tarefa.

Toda a nossa confiança.

Resta-me, como português, pedir humildemente perdão à memória dos que morreram no Ultramar numa luta sem razão, e às famílias que os perderam, vítimas de concepções de governar erradas que transformaram a perda das suas vidas, pela inutilidade e injustificação, em verdadeiros assassinios; e, se peço perdão, é apenas porque eu e muitos, muitos mais, reconhecendo o erro, não tivemos a coragem de o emendar, porque o país até 25 de Abril não teve essa coragem.

Vasco Luís

Companhas de pesca de arrasto de Espinho, nos séculos XVIII e XIX

Ovar e Espinho foram noutros tempos grandes centros de pesca. Sua história está por fazer. Tenho procurado buscar toda a documentação possível, relativa à pesca, desde Espinho a Ovar. Para a imprensa local de Ovar, Cortegaça, Esmoriz, enviei nota, mais que resumida sobre as Companhas destas localidades e bem ainda das de Arada, Maceda, Rio-meão e Paramos. Em Espinho, resolvi publicar o respeitante a esta Cidade e a Silvalde.

A praia de Anta era Espinho. Aqui trabalharam Companhas, ditas de Espinho e, simultaneamente, outras ditas de Anta. Para aqui foram atraídas sociedades piscatórias de fora, tais como de S. Félix da Marinha, Silvalde, Paramos, Rio-meão, Esmoriz e Ovar.

Vejam os, embora sucintamente, o panorama dos grupos de pesca nesta praia:

1779 — Foi arrendada a cisa do pescado em Espinho.

1786 — Os pescadores desta Costa requerem à Junta da Casa do Infantado contra o aforamento do areal, por parte da Câmara Municipal da Feira.

1791 — Companhia Nova de S. José, de Espinho.

1792 — A Rainha D. Maria I isenta do serviço militar os pescadores de Anta.

1793 — Companhia Nova de S. José, de Espinho: 40 sócios.

1810 — Companhia de Silvalde: suposto pescasse em Espinho, pelo menos tal já acontecia em 1811.

Companha do Ala, de Ovar: 95 sócios.

1811 — Companhia de Silvalde: 94 sócios.

Companha de S. José de Ribamar, Espinho: 102 sócios.

1812 — Companhia de S. José de Ribamar, Espinho.

1814 — Companhia de S. José de Ribamar, Espinho: 90 sócios.

1818 — Companhia dos Moleiros, de S. Félix da Marinha.

Companha dos Arrombas, Anta.

Companha dos Ala, Ovar.

1820 — Companhia Nova de S. José de Ribamar, Espinho.

1821 — Companhia dos Arrombas Anta.

1826 — Companhia Velha, ou dos Moços, Anta.

Companha Nova do Arroomba, Anta.

1827 — Companhia do Arroomba, Anta.

Companha Nova do Arroomba, Anta.

Companha Nova de S. José de Ribamar, Espinho.

1828 — Companhia de Santo António, Silvalde.

1829 — Companhia Velha de S. José de Ribamar, Espinho: 96 sócios.

Companha Nova de S. José de Ribamar, Espinho: 73 sócios.

Companha Velha dos Moços, Anta: 114 sócios.

Companha Nova do Arroomba, Anta: 104 sócios.

1830 — Companhia Nova da Granja, Espinho.

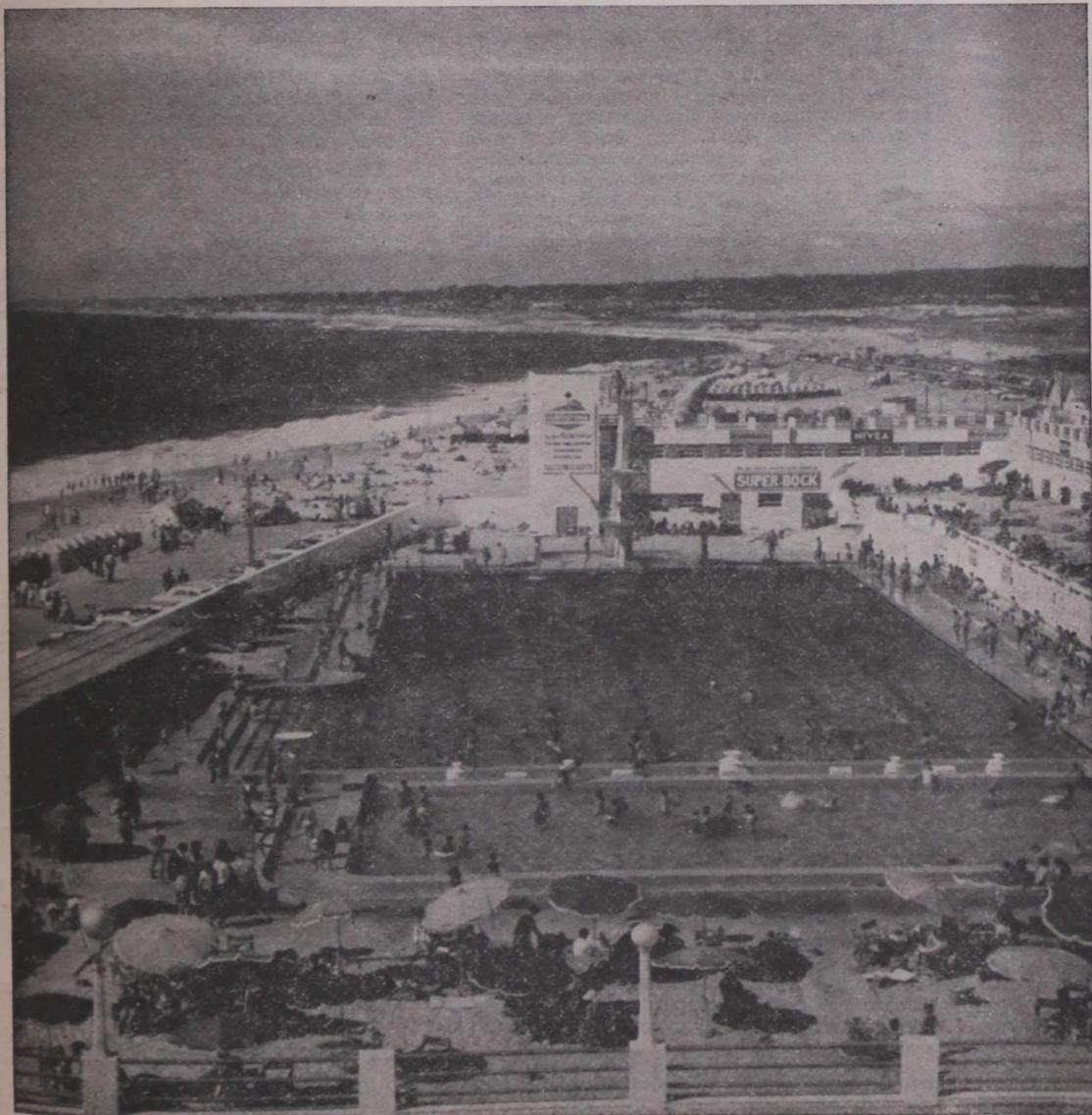
Companha do Granja Velha: 4 sócios.

Companha de Nossa Senhora do Rosário, Anta: 116 sócios.

Companha de Nossa Senhora da Hora, Anta: 101 sócios.

Companha Nova de S. José de Ribamar, Espinho: 113 sócios.

(Conclui na pág 8)



DUAS REALIDADES

A PISCINA E AS PRAIAS DO NORTE SÃO DUAS REALIDADES FAZEM A PRAIA DE ESPINHO.

IMPÕE-SE A BENEFICIAÇÃO URGENTE DESTES VALORES PARA ALÉM DA «DESCOBERTA» DE NOVOS SECTORES A SUL SE QUISERMOS SOBREVIVER COMO ZONA DE TURISMO.

PONTOS DE VISTA «Slogans Ilusórios»

Muitos se recordarão ainda do «slogan» que em 1939 circulava em França, quando as tropas alemãs desencadearam a sua ofensiva na frente ocidental: «Ils ne passeront pas!» Afinal, a resistência francesa não tardou a ceder perante o rolo compressor, e as tropas alemãs passaram mesmo. Uma réplica desse «slogan» foi agora adoptado entre nós: «A reacção não passará!» Outro estribilho que tem sido gritado, ultimamente, até à saciedade, é aquele que os democratas chilenos tentaram opor à ameaça fascista que pesava sobre o país: «El pueblo unido jamás será vencido!» Não tardou, porém, a verificar-se a inconsistência desse brado aparentemente resolutivo. E o povo unido do Chile acabou por ser vencido. Isto quer dizer que não se pode confiar muito na eficácia de frases feitas e inócuas para opor a realidades ameaçadoras. Tenha-se em vista o aviso que fizeram aos operários portugueses os dirigentes da Central Única de Trabalhadores do Chile que estiveram recentemente em Lisboa. A sua experiência não pode ignorar-se e os conselhos e advertências que nos fizeram não são de molde a esquecer-se facilmente. «Atenção aos erros que nós cometemos e que podem ser fatais para a jovem democracia portuguesa!» A unidade de todas as forças democráticas consideram-na eles indispensável para que o inimigo não possa aproveitar a desunião e a fraqueza dos defensores da democracia, a fim de lançar o contra-golpe em que está empenhado, não tenhamos dúvidas. «Os extremistas da esquerda, de que saíram palavras de ordem que não se ajustavam à correlação de forças existentes — avisam a tempo os nossos amigos chilenos —, foram no Chile de um

(Continua na página 2)

VIDA REGIONAL

Anta

30.7.74

A NOSSA TUNA

Já posso adiantar um pouco no que respeita ao programa das Festas comemorativas das BODAS DE OURO da Nossa Tuna.

Os responsáveis querem festejar o acontecimento com três dias de Festa a iniciar em 24 de Agosto à noite e a terminar no dia 26 às 24 horas. É certo e sabido que o luzimento desta comemoração dependerá fundamentalmente do estado do tempo. Esperemos um bom dia de sol para uma boa noite musical.

De salientar entretanto que no primeiro dia à noite haverá um pequeno concerto musical executado pelas Tunas de Grijó, Fiães, Perosinho e a nossa. Os componentes destas Tunas musicais vivem do entusiasmo de puros amantes de música. Não há profissionais. Esta família que se reunirá nesse dia, tem um legítimo chefe que tem orientado, ao longo dos anos, os destinos artísticos destas Colectividades de Cultura. Tem dedicado sua vida a esta nobre causa. Tem sido graças à sua natureza, dotada de uma extraordinária intuição musical em especial, e de uma cuidada dose diplomática recheada de ensinamentos soberanos. A fraternidade humana, o germe da liberdade, o respeito pela natureza, a sensibilidade artística, a semente da concórdia, têm sido despejados no seio desta família por este homem. O seu nome é simples como o seu possuidor. Joaquim Teixeira. Professor Joaquim Teixeira. Ensombrará este dia a sua ausência por motivos de saúde, segundo parece, embora tudo possa acontecer e então a motivação será outra. De qualquer modo cabe aqui destacar a sua lealdade a tudo o que é belo, a tudo o que é humilde e puro. Não estou a abrir a estrada do elogio, nem tão pouco a alcatroar a sua humilde brancura. Isto é um átomo do que se dirá desta figura no futuro. Ficarei por este atalho deixando que um mais alto valor pague a dívida que contraímos, historiando a sua passagem positiva por este universo empoeirado, atomizado, vesperino, e com algumas correntes de ar musical para varrer os cérebros.

Toda esta gente que debica os ensinamentos dentro de grupos deste quilate trabalham para a causa gratuitamente. Qualquer função angariada pela Direcção da Nossa Tuna é cumprida por todos os componentes executantes com integral sacrifício. Todo o valor monetário da função reverte para os cofres da Colectividade. É bom que se saiba que assim acontece, porque sobrarão pensamentos cuidando de acicatar as línguas para o contrário pensar e falarão razões, por falta de actuação dentro da colectividade, para discernir esta dualidade de atitudes. Tudo o que se faz é puro amadorismo. Desde o menino que aparece a pedir que o ensine pagando um escudo por cada lição, até ao adulto que ministra essa lição, não esquecendo o executante que cumpre, com honestidade adquirida no convívio semanal da Sua Tuna, todo e qualquer compromisso tomado pela Direcção, esquecendo-se do seu dia de descanso dominical ou faltando ao seu lugar profissional, sem que haja qualquer compensação material para o efeito. Isto é do mais puro e fiel amadorismo.

A imaginação é célere e desviou-me do grande motivo deste escrito. Voltando à nossa festa, irá ser uma grande jornada de trabalhos que serão compensados com a satisfação do dever cumprido. Assim possamos todos reconhecer que a vida nos reserva uma parcela bem acrescentada de terreno fértil para cultivar com o nosso semelhante. Recordo-me que em criança plantei uma árvore da qual não como o fruto. Alguém o saboreia.

ERRO

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273
Residência — 922424

Paramos

1.º COMÍCIO DO P. S.

Realizou-se no passado dia 27 de Julho, pelas 21,30 horas, na sede da Banda U. M. Paramense o 1.º comício do Partido Socialista nesta localidade.

Com a assistência de mais de uma centena de pessoas, foram tecidas várias considerações políticas e objectivos do partido e ainda prestados esclarecimentos também de ordem política.

No decorrer do comício um indivíduo de Paramos acusou os componentes da mesa de serem fascistas mas foi energicamente condenado pela assistência, dado que a maioria nem sequer eram desta localidade, não se reconhecendo para eles fundamento de tal acusação. Coisa para esquecer.

Outro indivíduo de Paramos afirmou ter ouvido falar de política de países diversos, mas não terem sido apontados os problemas que em Paramos carecem de ser resolvidos e que era isso que considerava importante e necessário. Referiu o atraso que se vem verificando nesta freguesia e alongou-se em considerações sobre os terrenos que estão a ser ocupados pelo Aero Clube da Costa Verde, que pertenciam à freguesia e que por esta foram cedidos, por intermédio da Câmara, ao Ministério da Guerra para um campo de aviação militar, mas na condição de voltarem à posse da freguesia logo que esse campo acabasse. afirmou que esse assunto deve merecer o interesse da freguesia e disse serem cerca de 1 600 000 metros quadrados que o Aero Clube está a ocupar em prejuízo da freguesia. A assistência aplaudiu estas afirmações.

TURISMO EM PARAMOS

Estão já iniciados os trabalhos de arranjo das ruas de acesso do apeadeiro de Silvalde ao G. A. C. A., 3, Aero Clube, Praia e Lagoa de Paramos e ainda a rua que liga o Aero Clube à Lagoa de Paramos em estado muito deplorável.

Grças ao interesse dispensado pela respectiva secção da Comissão Administrativa da nossa Câmara e também à colaboração do G. A. C. A. 3, iremos ter dentro em breve, finalmente, acessos que nos permitam aproveitar as nossas potencialidades turísticas.

ABRIGO DO APEADEIRO

A C. P. continua a demonstrar indiferença pela necessidade da construção de, pelo menos, um abrigo neste muito movimentado apeadeiro de Paramos.

Será que a C. P. ainda não teve possibilidades de solucionar tão necessário como justo e insistente pedido? — Não acreditamos.

Paramos terá de encarar muito a sério um protesto conjunto para que a C.P. deixe de reinar com os legítimos direitos do povo que para utilizar os comboios tem de pagar o que se lhe exige para ser humanamente servido.

Pontos de Vista

(Continuação da Pág. 1)

precioso auxiliar para os reaccionários fascistas.» A unidade democrática conseguiu opor-se a vinte e cinco tentativas de golpe de Estado. A desunião, porém, criou as condições necessárias à vitória da reacção. Meditemos na lição que esse país nos dá e façamos o exame de consciência que se impõe nesta hora grave em que se atiram já setas ervadas a adversários políticos (de uma política mesquinha de personalismos e vaidades) que ainda ontem sofriam os horrores da prisão ou as amarguras do exílio ou terçavam lanças pela vitória da liberdade. É neste contexto que deve entender-se uma advertência tão oportuna como aquela que se contém nestas palavras insuspeitas de Piteira Santos: «Se as forças da esquerda, em vez de se hostilizarem em pequenas competições, e em vez de se deixarem derrotar em pequenas batalhas, não forem capazes de se unir desde já para uma resistência efectiva às forças reaccionárias que começaram logo a reagrupar-se no dia 26 de Abril, teremos uma desagradável surpresa em Portugal.» Mais claro do que isto só água.

(in «Jornal do Comércio»)

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

Posturas municipais

A grande parte dos abusos que se cometem em questão de administração municipal está prevista nas posturas municipais. Convém esclarecer que as posturas municipais são uma orientação necessária e imprescindível para a edilidade, depois de aprovadas em Conselho Municipal. Para não cairmos em situações menos precisas, solicitámos da nossa antiga Câmara autorização para apreciar o Código de Posturas. A necessidade de saber os porquês de muitas coisas relacionadas com a falta de cumprimento das referidas posturas assim o impunha. O nosso pedido teve consentimento e foi-nos presente uma colecção de folhas soltas, dactilografadas, com emendas a tinta, aqui e ali, para actualização, amareladas pelos anos e enebadas pelo manuseamento de muitas décadas.

Para não estarmos a aprofundar com datas e títulos a exacta situação do que classificamos de importante documento, para uma precisa administração municipal, cumpre-nos apelar para que se actualizem e ponham em prática, urgentemente, as suas directrizes. Do seu exacto cumprimento desaparecerão muitas marginalizações até há pouco consentidas.

E não convém, por motivos óbvios, que a presente situação neste aspecto se mantenha. O afunilamento das ambíguas interpretações contidas no bolorento documento continuam válidas e ao jeito de alguns. E também a sua feitura era para atender aos anos 30 e 40. E estamos em Agosto de 1974!

J. J.

Primeiro comício do P. C. em Espinho

«Abaixo a reacção», gritou em uníssono a bancada repleta do Pavilhão da AAE no primeiro comício do P. C. P. havido na nossa cidade.

A sessão, presidida por Jorge Soares, membro da organização dos bancários do P. C. P. e filho do Dr. Ferreira Soares, cujo nome se homenageava, teve por mesa: membros dos diversos organismos locais do P. C. P.; José Carlos e Alda Nogueira, respectivamente membro suplente e membro efectivo do Comité Central do P. C. P.; representantes do Partido Socialista, Movimento Democrático Português, Movimento Democrático de Mulheres, Movimento da Juventude Trabalhadora e Comissão Administrativa Provisória da C. M. Espinho; e um grupo de espinhenses que, ao longo dos anos, se destacaram na luta antifascista: Dr. Joaquim Pinheiro de Moraes, Afonso Pena e António Gomes de Oliveira.

A abrir, foi guardado um minuto de silêncio em memória do Dr. Carlos Ferreira Soares.

Usaram da palavra diversos oradores que se debruçaram sobre temas de actualidade política e, em especial, sobre a política do P. C. P. Manuel Paiva, do Comité Regional das Beiras começou por saudar militantes de Espinho do P. C. P. que organizaram este comício. afirmou em seguida: «Camaradas, foram os fascistas que assassinaram o Dr. Carlos Soares. E foram também os fascistas que, durante a semana, arrancaram os cartazes do nosso partido.» — E reforçou a nota, divulgando o nome de dois fascistas de Paços de Brandão que, na nossa cidade, foram identificados pela Polícia quando se dedicavam à sua actividade de provocação. Continuou, esclarecendo, de forma clara e em linguagem popular que entusiasmos vivamente os presentes, questões como: o irem os comunistas privar as pessoas, das suas liberdades religiosas, das suas habitações, das suas terras, etc., o que, afirmou, nunca fez nem faz parte do programa do P. C. P. mas sim do programa dos reaccionários que a tudo recorrem para difamar o partido das classes trabalhadoras.

Jorge Soares, falou sobre o carácter desinteressado da luta desenvolvida por seu pai, que julga ser a luta que os espinhenses herdaram e devem continuar nas novas condições de liberdade, no Centro de Trabalho do P. C. P. Acentuou o facto de que seu pai foi uma figura de

Espinho e, mais, uma figura nacionalmente conhecida como «o médico de Espinho».

O último orador, Alda Nogueira, antes de principiar a sua dissertação sobre o significado histórico do discurso de 27 de Julho do Presidente da República, e dos inquietantes factos que vêm sucedendo, recebeu uma homenagem da representante do M. D. M.

Dado por findo o comício com o entoar respeitoso do Hino Nacional, sucedeu-se a festa de punhos erguidos a cantar o «Avante, Camaradas». Novos e velhos se associaram nesta manifestação de liberdade que muitos espinhenses, apenas teriam vivido a quando das eleições em que participou o General Humberto Delgado.

José Oliveira

Solicitador Encartado

Ausente até 17 de Agosto

CHOUPAIS

A Fosforeira Portuguesa S.A.R.L., de Espinho, compra árvores, de choupo híbrido adulto

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

DOMINGO DE AGOSTO

Dia em cheio. Apesar do vento arisco. Há que fugir das calduras das terras interiores. O rumo obrigatório é a costa marítima. É uma autêntica romaria. Transportes colectivos à pinha. Bicicletas com motores trepidantes. Automóveis onde só não vem o gato porque já não cabe um grão de milho. Espinho, como todas as outras cidades do litoral são um mar de gente.

E, entre essa gente, há de tudo. E, ao abrigo da multidão se faz muita «besteira». Assim agiram uns brincalhões que, ao fim da tarde, decidiram dar uma amostra da sua civilidade. As cores variegadas dos guarda-sois que estão na esplanada atraíram-nos como a luz faz às borboletas. Vá de pegar neles e

atirá-los à praia. O empregado camarário que trabalha na zona, assistindo à cena, foi chamar um agente da Polícia. Mas este, que tinha a seu cargo a vigilância de um parque automóvel, não pôde aceder ao solicitado. E os «meninos» ficaram impunes.

A mesma impunidade, mas desta vez porque ninguém estava presente, uns «cavalheiros» também as fizeram bonitas. Sob a protecção da noite e da ausência de passeantes, vá de tirar os caixotes do lixo que existem na zona central da esplanada. E, numa «operação de limpeza» censurável, foram mergulhá-los nas taças de água que ornamentam o local.

Duas notas negras a emporcalhar um domingo de Agosto.

POR BEM FAZER...

Diz a voz do povo que «por bem fazer, mal haver...» e assim aconteceu a três bombeiros da Corporação dos Espinhenses no passado dia 27. Diga-se, em abono da verdade, que o mal não foi feito por ingratidão mas sim por insanidade. Um doente mental necessitava ser transportado a Coimbra. Por requisição da Delegação de Saúde, dispôs-se a tal transporte uma ambulância daqueles bombeiros. Não obstante uma enfermeira ter injectado um calmante no pobre doente, este, quando era conduzido na ambulância, deu uma dentada num bombeiro e agrediu os outros dois a pontapé.

Pode a nossa sugestão ser pouco curial, mas não seria justificado que a Delegação de Saúde estivesse habilitada com uma camisa de forças, pelo menos, para evitar tristes acontecimentos como este que registamos?

DO HOSPITAL

Movimento de 31-7 a 5-8-1974

Internamentos gerais	34
Exames radiográficos	120
Crianças nascidas	12

Intervenções cirúrgicas

Cirurgia geral	13
Otorrino	3
Obstetrícia	1

Serviços de urgência

Homens	290
Mulheres	231

Internados entre outros

Daniel Ferreira Neto, para Cirurgia, de Espinho;

Vende-se

Prédio rés-do-chão e 1.º andar
Avenida 8 N.º 1036
Trata Telef. 920952

COMPRA-SE

Andar bom, independente, com garagem, ou casa com os mesmos requisitos, em Espinho, até mil contos
Carta a este jornal ao n.º 56

NOTÍCIAS PESSOAIS

Na companhia de sua esposa, encontra-se nas Termas de Monte Real o sr. Afonso Costa Almeida, Secretário do Tribunal da nossa Comarca.

PELA P. S. P.

Em 28 de Julho Octávio da Fonseca Truta, que mora na rua 6, desobedeceu a um agente, resistiu-lhe, foi preso e acabou por ser condenado no Tribunal onde teve que prestar contas da sua incivilidade.

Três dias depois na Secção da Polícia mais uma queixa de furto de uma bicicleta sem motor. Tinha a matrícula 1.VFR-18-69, estava estacionada em Espinho e pertencia a António Francisco Marta, de Barreiro, Nogueira da Regedoura, Feira.

Ao terceiro dia do mês corrente, foi entregue a um agente da P.S.P., um velocípede simples, cujo proprietário se ignora uma vez que não tinha chapa de matrícula nem nome ou residência.

No dia seguinte, quando conduzia ilegalmente um automóvel, Belmiro Gomes Lourenço, residente na cidade, foi detido e enviado ao Tribunal.

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO DO P. S.

O Partido Socialista leva a efeito, no próximo sábado, dia 10, pelas 21,30 horas, no Salão da Piscina de Espinho, mais uma sessão de esclarecimento sobre assuntos do seu programa.

Serão oradores e principais esclarecedores os camaradas:

- Vítor Gil, da Juventude Socialista de Lisboa;
- Lopes Cardoso, do Secretariado Geral do P. S.;
- Carlos Lage, da Secretaria da Zona Norte do P. S.

NOITE DE AGOSTO

Na próxima quarta-feira, 14, haverá no salão nobre do Casino de Espinho uma grande Noite de Agosto que aquele organismo realiza em colaboração com a Associação Académica de Espinho. Além do baile em que actuarão três conjuntos, haverá um programa de variedades em que se exhibirão as atracções presentemente contratadas pelo Casino. Quem queira fazer, a tempo e horas, a marcação de mesas poderá ir directamente à Casa Fonseca, na Rua 19, ou utilizar o telefone 920413.

RECITAL DE CANTO

Realizou-se no passado dia 30 de Julho no salão nobre do Grande Casino de Espinho um recital de canto integrado no XI Festival de Música promovido pela Academia de Música de Espinho.

Foram intervenientes Maria Manuela de Moura e Bigaíl (canto) e Jaime Jorge da Mota (piano).

Antes do espectáculo, um representante da Solverde, fez uma breve prelecção na qual pôs o Salão Nobre à disposição de outros empreendimentos culturais e elogiou os dois artistas.

Na 1.ª parte do concerto, constituída só por «Lieder» (forma musical muito usada nos séculos XVIII-XIX), ouviram-se obras de Schumann, Schubert, Beethoven e Fauré. Houve realmente música de excelente qualidade, fruto da simbiose perfeita entre os dois excelentes executantes. À excelente técnica vocal e maviosa voz de Manuela Bigaíl, aliou-se a execução perfeita mas sóbria de Jaime Jorge da Mota. Esta perfeita sincronia de talentos acentuou-se no «Aprés un Rêve» de Fauré.

Na 2.ª parte, constituída apenas por trechos de ópera, matéria musical tida à priori como de menor interesse auditivo, ficou exemplificado como se devem escolher trechos dessa forma musical de origem italiana de audição fácil e agradabilíssima.

Maria Manuela Bigaíl, demonstrando toda a maturidade e vistuosismo que o seu palmarés já lhe garante, teve uma interpretação impecável das obras de Mozart. Puccini e Boito sempre acompanhada na mesma qualidade de execução por Jaime Jorge da Mota. Imensa e merecidamente aplaudidos pelo público, os dois promissores jovens músicos fizeram ouvir como números extras «Boas-Noites» de Frederico de Freitas de agradável audição e a maravilhosa «Seligkeit» de Schubert com que fecharam da melhor maneira a sua excelente actuação.

É de salientar o grande número de assistência felizmente já habitual nos últimos anos de existência do Festival de Música, a persistência da Academia de Música, da Comissão Municipal de Turismo na promoção de espectáculos que em prol da vida cultural da nossa urbe mostram já grandes e promissores frutos.

Com expectativa esperamos o próximo concerto.

F. N.

Revestimentos Modernos

1.º Aniversário

Saldos de Papéis de parede e tecidos de cortinados

Rua 16, n.º 360 — Telef. 922364

Sócio - Precisa-se

Para abertura de DISCOTECA em Espinho.

Carta à Redacção ao n.º 59

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 10 — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Tel. 920352
Amanhã domingo, 11 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Tel. 920331
Segunda-feira, 12 — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250
Terça-feira, 13 — FARMÁCIA HIGIENES, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320
Quarta-feira, 14 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092
Quinta-feira, 15 — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352
Sexta-feira, 16 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 10 — ABUSO DO PODER, com Frederick Stafford e Marilu Tolo — 14 anos.

Amanhã, domingo, 11 — A CASA DA BONECA, com Jane Fonda e Trevor Howard — 18 anos.

Segunda-feira, 12 — OS FORSYTES, com Greer Garson e Robert Young — 14 anos.

Terça-feira, 13, à tarde — O D. QUIXOTE DO OESTE, com Brian Keith e Michele Carey — 6 anos.

à noite — A MULHER MARCADA, com Oliver Reed e Ian Mc Shane — 18 anos.

Quarta-feira, 14 — LUA DE PAPEL, com Ryan O'Neal e Madeleine Kahn — 18 anos.

Quinta-feira, 15 — O NOSSO AMOR DE ONTEM, com Bárbara Streisand e Robert Rodford — 18 anos.

Sexta-feira, 16 — à tarde — IVANHOE, com Robert Taylor e Elizabeth Taylor — 10 anos.

à noite — AMOR A ITALIANA, com Jack Lemon e Juliet Mills — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 10 — A CRISTA DO DIABO, com Clint Eastwood e Stella Garcia — 14 anos.

Amanhã, domingo, 11 — O SILENCIOSO, com Lino Ventura e Lea Massari — 14 anos.

Segunda-feira, 12 — O DIREITO DE AMAR, com Omar Sharif e Florinda Bolkan — 14 anos.

Terça-feira, 13 — UM AMOR SIMPLES, com Gualter Mattheau e Carol Durnett — 18 anos.

Quarta-feira, 14 — AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRY, com Jerry Lewis e Stella Stevens — 10 anos.

Quinta-feira, 15 — A BELA CASTA SUSANA, com Terry Torday e Elisabeth Felchner — 18 anos.

Sexta-feira, 16 — VIVA DJANGO, com Terence Hill e George Eastman — 14 anos.

NASCIMENTOS

Em Espinho: António Manuel, filho de Daniel Marques Guimarães e de D. Maria Zaida Morais de Oliveira Marques Guimarães;

Filipe Domingos, filho de Domingos Monteiro de Sá e de D. Maria Filomena de Jesus da Silva Sá;

Rui Pedro, filho de Joaquim Amorim de Sousa e de D. Maria Dulce da Rocha Custódio Amorim.

CASAMENTOS

Na Igreja de Grijó, Herculano Dias do Mocho com D. Ana da Silva Couto Mocho.

Na Igreja de Silvalde, Manuel Augusto Alves Lei com D. Maria Isabel Carvalho de Almeida Lei.

Na Igreja de Espinho, António Martins Ferreira com D. Elvira Amaral Pinto Ferreira.

Na Igreja de Espinho, Luís de Oliveira Dias com D. Rosa Graciosa Fagundes Quintela Dias.

Na Igreja de Espinho, Henrique Colares Alves de Sousa com D. Maria Manuela da Silva Casal Ribeiro Alves de Sousa.

Na Igreja de Paramos, José Gomes de Oliveira com D. Hermínia Dias de Oliveira Gomes.

Na Igreja de Paramos, Mário Teixeira de Sousa com D. Rosa dos Anjos Godinho Peralta de Sousa.



SOEIRO PEREIRA

Nota de Apresentação

O número que agora publicamos, é o segundo de uma série iniciada em HOJE, com o número «Três Pablos», publicado nove meses atrás, bastante adulterado, pois, nas condições vigentes, exaltar qualidades como bondade ou pacifismo, era o suficiente para excitar a raivosa actuação das tesouradas censuriais. É pois um número voltado para a divulgação cultural e, desta vez, gerado em torno de uma figura criadora, da Cultura Proletária — tipo de cultura que agora se levanta, voltada ao povo e gerada no seu seio, cuja missão imediata é esmagar essa aberração inventada pelo regime deposto, designada por «cultura popular» que de cultura só tinha o nome.

Ao escolhermos Soeiro Pereira Gomes não o fizemos com espírito de homenagem, que a homenagem a prestar-lhe terá de ser grande e prestada, sobretudo, pelos «filhos dos homens que nunca foram meninos», aos quais dedicou a sua obra: «Esteiros». — Na ala central do cemitério de Espinho, ao fundo, à esquerda existe o jazigo da família de Leopoldina Ferreira da Costa. Aí, ao fundo, à esquerda, uma pe-

quena placa, quase apagada, encostada ao gradeamento, reza: Jazigo Eterno de Soeiro Pereira Gomes — 15-5-49.

Quantos espinhenses teriam notado esse facto? Quantos, mais velhos, teriam notado um funeral quase clandestino? Quantos, conhecendo o autor e a obra, desconheciam a sua ligação à nossa terra? — Informar é pois quanto nos cabe!

Na sua casa do Bairro Marechal Gomes da Costa, no Porto, falamos com D. Berenice Pereira Gomes, irmã de Soeiro, que, simpaticamente, nos cedeu as suas recordações e impressões sobre a vida do irmão escritor, e nos cedeu material gráfico necessário, como retrato da sua juventude que presumimos ser da autoria do nosso conterrâneo e colaborador Sr. J. Tato (publicado no nosso último número).

São essas impressões que constituem a base deste trabalho. O inquérito que fizemos, nas ruas de Espinho apenas reforçou a ideia de que a ampla divulgação (que começa a ser feita) dos verdadeiros valores da nossa cultura é uma das mais francas necessidades neste Abril contínuo que vivemos.

«A vida e a obra de Soeiro Pereira Gomes são um todo inseparável: cada uma se explica pela outra. A obra alimentou-se da vida e da experiência total do autor, e esta verificação, comum em quem escreve, reforça-se do movimento seguinte, que é o da obra provando a justeza da vida e, de algum modo, confirmando-a. Diríamos, enfim, que o próprio escritor aprende com o que escreve. Soeiro Pereira Gomes foi esse movimento contínuo entre o que viveu e o que escreveu, lição que deles devemos receber e compreender: onde quer que estejamos, seja o que for que façamos no nosso trabalho, somos o que fazemos, fazemos o que somos.»

Esta identidade, obra — autor, determina a estrutura do nosso trabalho: Textos da sua obra, ou sobre o autor, intercalam a voz que nos conta a sua vida. A voz de sua irmã:

— Meus pais eram proprietários rurais. Uma irmã da minha avó materna vivia em Espinho, casou lá com o carteiro, e era chefe dos telefones. A minha mãe foi educada com ela e, quando os filhos estavam para nascer, ia para lá. Com excepção do meu irmão mais velho, todos nós lá nascemos. Ele nasceu em Baião em 1909 (14 de Abril) e só com seis anos foi para Espinho, porque os meus pais entendiam que a escola em Baião, nessa altura, não tinha condições e quiseram que ele fosse para Espinho fazer a primária. Assim viveu lá, até aos 10 anos, na rua 10, n.º 5.

«O moço saiu cabisbaixo, a contar a fêria que os irmãos e o pai, desempregado há dois meses, esperavam. Os companheiros sabiam disso, e não gracejaram.

— Gineto!

Sem responder, o moço adiantou-se, devagar.

— Tiveste sorte, hem! — disse o mestre com ironia. — Desta vez deitaste fora a temporada.

— Foi por gostar muito de você.

Frente a frente, olharam-se com raiva.

— Malandro... — rugiu o mestre.

— Cão! — rispostou Gineto. E saiu lépido, empurrando os companheiros.

— Foge o quê, pá? — Estacou ameaçador. — Se ele me comer tem de me largar pelo rabo. Que julgas?

O outro calou-se amedrontado, e Gineto seguiu caminho, maldizendo o mestre e o telhal.» (1)

— Julgo que esse período, afastado de casa, sujeito a uma educação rigorosa (essa tia era um pouco severa), contribuiu para o desenvolvimento da sua sensibilidade aos problemas da infância e, é possível que isso tenha tido influência na criação de «ESTEIROS».

— Foi para Coimbra, para a Escola Agrícola onde tirou o curso de Regente. Durante esse período, passávamos, todos os anos, o mês de Agosto em Espinho. Eu era a mais pequenita e lembro-me que o meu irmão era um atleta — nadava bem... — lamos ver sair as redes... nós, miúdos, gostávamos!

— Depois esteve uns tempos aqui no Porto. Arranjou um lugar em Angola, mas regressou passado pouco tempo. Casou, muito novo, com uma senhora de Alhandra e lá viveu muitos anos, exercendo vários cargos na Fábrica de Cimento Tejo.

DO POVO DE ALHANDRA

Ao nosso querido e inesquecível amigo, Joaquim Soeiro Pereira Gomes, lhe rendemos neste momento, em nome de todo o povo honrado e trabalhador de Alhandra, a última e derradeira homenagem àquele que soube, perto ou longe de nós, contribuir para a liberdade do Povo de Portugal.

Nós te juramos, querido e saudoso camarada, que, sejam quais forem os obstáculos que os responsáveis da tua morte nos levantarem, levantaremos sempre bem alto, mesmo enfrentando a morte, a bandeira da democracia, pela qual sempre honradamente sonhaste lutar e morrer.

Nós te juramos, saudoso amigo, pelo amor dos nossos filhos! (2)

— Era muito bondoso, interessou-se muito pela maneira de viver dos operários, dos filhos dos operários e neles se inspirou para escrever os «ESTEIROS». Defendeu sempre os interesses daquele povo, foi ele que iniciou a construção da piscina de Alhandra, e dirigiu, e trabalhou mesmo nas obras. É claro, nessa altura não era muito fácil ou muito aceite que intelectuais defendessem os interesses dos operários e começou a ser perseguido. Passou à ilegalidade em que viveu cinco anos. Perseguido, doente, muitas vezes só.

É difícil dar uma ideia do que tem sido a vida dos clandestinos nestes 35 anos de ditadura. Muitos aspectos envolvem as actividades destes homens e mulheres, que tinham uma família, que amavam, os seus amigos, as suas profissões, e tudo abandonaram para mais inteiramente se dedicarem à luta por um Portugal liberto do fascismo, por um Portugal socialista.

As estradas e transportes policiados, a vigilância permanentemente nas ruas, os retratos espalhados pelas forças repressivas, são obstáculos que têm que vencer para levar a palavra do Partido às massas populares, aos intelectuais, a todo o local onde as lutas contra o fascismo se podem desencadear.

Períodos houve, como o de 1939-1945, durante a última guerra, em que para além da situação repressiva aguda se punha a questão da própria sobrevivência alimentar, visto que, como clandestinos, não tinham existência legal e, por isso, não possuíam senhas de racionamento de géneros. Se não fora a solidariedade constante do Povo, que com eles reparava o pouco que tinha, muitos se teriam perdido para sempre.

Foi nas severas condições de clandestinidade que em Dezembro de 1949 morreu o escritor Soeiro Pereira Gomes. Um trabalho intenso e uma perseguição feroz por parte da Pide não lhe permitiram tratar a tempo a doença que o matou. (3)

— Nas suas deslocações, tomava por vezes a personalidade de um professor primário, agia como se assim fosse e procurava doutrinar o povo. Esteve em vários pontos do País. Não sei onde, pois nessa altura apenas o vi uma vez, que me visitou, aqui no Porto. Contactava esporadicamente com um meu irmão, em Lisboa.

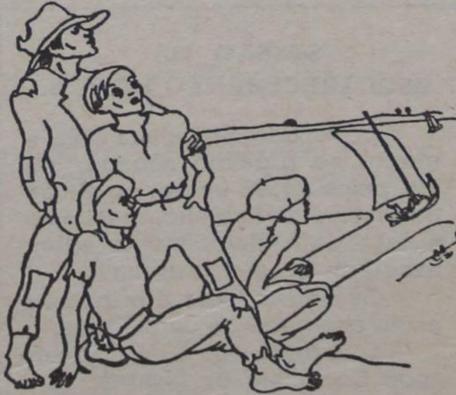
A mim, e contudo eu era a sua irmã predilecta, só teve uma vez possibilidade de me procurar. Havia uma senhora que com ele estava na clandestinidade, de apelido Joaninha — o dele era Jô — que muitas vezes me visitava e a quem eu ajudava no que podia. Essa senhora mais tarde foi presa. Mas, a ele foi essa a única e última vez que o vi vivo.

— Depois contraiu aquela doença que não perdoa. Ficou a devê-lo à vida má, às dificuldades que passou, deficiências alimentares... — eles não tinham dinheiro, apenas o pouco que conseguiram angariar. Nesse período, escreveu os «Contos Vermelhos» e o «Refúgio Perdido». Chegou a pedir a um dos meus irmãos que destruísse esses manuscritos, pois não os achava perfeitos e não tinha já saúde para os refazer. Porém, esse meu irmão não os destruiu. Durante muitos anos não foi possível publicá-los, mas agora, nesta nova época, irão concerteza aparecer.

— Morreu, tinha 40 anos... — morreu em Lisboa, em casa de minha irmã. Fomos buscá-lo, os meus pais, eu e o meu marido, e veio um pequeno cortejo — nós não pusemos a notícia nos jornais evidentemente, não era possível isso — até Espinho onde ficou sepultado.

«Pior era a dor muito aguda que lhe picava o estômago. «Há quantas horas tinha comido?»

Aconchegou ao pescoço a gola do casaco; a mala serviu-lhe de traverseiro. «Ora, que lhe importava a fome? Entregaria os jornais na hora do recurso; levava ao fim a sua tarefa. E um dia... uma certa manhã de sol radioso... sim, de sol... Ah!». (4)



Os meninos pobres de ESTEIROS retrelados por Alvaro Cunhal

— O meu irmão nunca esteve preso, mas também nunca quis abandonar o país como muitos fizeram. Ele entendia que sua missão era cá dentro, com a classe operária. Isso conduziu-o a situações muito más. Lembro-me de ele me contar (eles na ilegalidade, alugavam uma casa, um ou dois, ou três, e, aí, numa aldeia, tomavam contactos e corriam graves riscos de serem denunciados e presos) que um dia estava sozinho e não tinha para comer, senão uma lata de ervilha de conserva, que comeu, à noite. Viu-se a morrer, com uma indigestão, sem ter à mão pessoa que lhe acudisse ou coisa que lhe aliviasse a aflição.

«O homem lá vinha atrás, rente às paredes, como uma osga. Via-o, quando fingia reparar nas montras, de relance; sentia nas costas o frio da sua presença. Dobrou a primeira esquina e desatou a correr. Tinha de alcançar outra rua, antes que o agente policial surgisse de novo. Mas quando olhou para trás, já não era apenas um homem, mas dois, ou talvez mais, que pareciam persegui-lo.» (4)

— Ele procurava evitar contactos com a família porque era muito procurado. De uma vez, a Pide cercou, em Gestação, as casas de duas tias que lá tínhamos. Minha

IA GOMES

tia mais velha, que o tinha ajudado a criar em bebé, disse que dava toda a sua fortuna para que não a incomodassem, mas eles prosseguiram. Claro que não o encontraram, ele conhecia bem os processos da Pide.

— Na altura em que passou à clandestinidade, havia um funcionário da Pide que todos os dias me abordava no regresso da escola (eu sou professora primária) e me perguntava se eu tinha notícias do meu irmão. Começou depois a assediá-lo meu irmão mais novo (o matemático Pereira Gomes), que ainda estava na Faculdade, mas este deu-lhe uma batida que o pôs à distância.

— Soubemos que, por essa altura, se lhe ofereceu a possibilidade de abandonar o país, mas ele não quis!

«Dias venturosos aqueles. Havia laranjas para vender e promessas de outros frutos nas árvores do vale. Fora-se o mau tempo. Os rapazes aspiravam o ar, mais puro e cálido, como se a nova vida surgisse com a Primavera»... (1)

— O meu irmão era muito alegre. Tocava guitarra, cantava, improvisava versos que acompanhava à guitarra... era, enfim, o tipo de estudante coimbrão. Levava a vida com alegria, era expansivo, confraternizava, lá com os rapazes da aldeia; eles iam pastar as ovelhas e as cabras e ele ia com eles.

— O meu pai foi o primeiro republicano, a inscrever-se no Partido Republicano em Baião, e tinha muita honra nisso. Incutiu-nos sempre ideias de Liberdade e de Justiça. E, claro, o meu irmão mais velho era o preferido de meu pai. Além disso, o meu pai era muito bondoso; quando lá não havia médico ou farmacêutico, era ele que tratava quem se aleijasse. Isso é importante pois quando um pai é muito duro, os filhos podem ter tendência de o imitar.

«Depois, aquele que fora o seu melhor amigo, expôs-lhe o caso em poucas palavras. «Que os camponeses da sua terra natal não se deixaram contratar na praça de jornas, onde se troca a força dos braços por salários de fome; paralizaram as ceifas. E que a aldeia, por represália, ficava isolada no meio de um cordão sanitário de polícias, como se de epidemia se tratasse.»

E Alexandre concluiu:

— Em toda a região, há olhos postos nos camponeses em greve. É preciso ajudá-los, antes que esmoreçam. Queres ir?

— Vou.» (4)

— Meu irmão entrou para o Partido por uma questão de bondade, é o que eu tenho sempre na ideia. Tanto quanto eu o conheço, não foi por uma questão de aventura, inveja, vingança... como para aí se fez crer a respeito dessas pessoas; não, foi vontade de proteger os infelizes e de os elevar; aliás, ele não era nada duro ou temperamental.

— Não conheço a altura em que ele aderiu ao Partido, mas suponho que foi em Alhandra, quando começou a ver a miséria em que viviam os operários. Em Coimbra, ele levou uma vida de estudante, alegre e despreocupada. Empenhava os cobertores quando vinha de férias, enfim... o que nesse tempo era vulgar em estudantes!

Mas, depois, começou a ler Marx e toda a literatura consequente e aderiu.

H: — Sabe se ele esteve em Espanha em 1936?

— Não sei e penso que não saíu do país. A minha irmã é que esteve presa um ano porque angariava fundos para o Socorro Vermelho — organização que se destinava ao apoio dos governamentais aquando da guerra de Espanha.

Aliás, até seria provável que tivesse estado, porque um grande amigo nosso esteve lá e morreu... — eram colegas de curso e amigos!

H: — Conhece pessoas, mesmo dentro do Partido Comunista, ao lado de quem seu irmão tenha trabalhado?

— O próprio Alvaro Cunhal. Eram, os dois, chefes do Partido na ilegalidade. Eram muito amigos. A minha cunhada, ainda um dia destes, me disse que gostaria de encontrar o Cunhal para lhe dar um abraço.

Há, também o escritor Alves Redol, de quem era muito amigo e com quem colaborou no «Diabo» — semanário bastante conhecido no fim dos anos trinta.

H: — Quem são as pessoas, por alguma forma, mais ligadas à obra de Soeiro Pereira Gomes?

— Tenho um irmão no Ministério das Obras Públicas, que foi quem sempre esteve mais em contacto com ele. Outro, o mais novo, era professor aqui no Porto, na Universidade, e teve de abandonar o País. Foi para Nancy, depois ocupou um cargo de professor catedrático no Recife. Agora, depois do 25 de Abril, foi convidado para vir para Lisboa onde já está a leccionar. É, no entanto, esse meu irmão que está no M. O. P., quem dirige a obra. A primeira edição de «ESTEIROS» tinha ilustrações de Alvaro Cunhal; a obra está traduzida em oito idiomas (alemão, checoslovaco, esloveno, francês, italiano, polaco, russo...); esse meu irmão tem exemplares de cada uma das edições.

OBRAS DE SOEIRO PEREIRA GOMES

«ESTEIROS», escrita em 1940, obra que se debruça sobre a vida das crianças obrigadas a duras condições de trabalho, na fabricação de telhas, nos lameiros Ribatejanos. É o «romance dos homens que nunca foram meninos», em cujas linhas passa o amor que conferiu, à obra e ao autor, um valor universal. A atestá-lo, as sucessivas edições da obra, não só em Portugal, mas também no estrangeiro, com destaque para os países socialistas.

«A ENGRENAGEM», romance inacabado, escrito em 1944, em que o autor se debruça, de forma minuciosa sobre as transformações na vida de uma população rural, operadas pela intrusão da indústria, observando-as à luz das leis que regulam as relações capital-trabalho, é uma afirmação de um entendimento materialista do mundo.

Além destas obras escreveu pequenos contos reunidos em dois volumes: CONTOS VERMELHOS e REFÚGIO PERDIDO.

No estilo de Soeiro Pereira Gomes, é de destacar uma sobriedade exemplar e um generoso debruçar-se sobre a vida dos humildes, que são a sua insuperável riqueza.

UMA PÁGINA DA COMISSÃO CULTURAL DO M. D. P.



INQUÉRITO

nas Ruas de Espinho

Para este inquérito fizemos as seguintes perguntas:

1. Conhece Soeiro Pereira Gomes?

2. Sabe que está sepultado em Espinho?

Da centena de pessoas interrogadas, pertencentes a um leque mais ou menos extenso de profissões e idades, apenas 26 responderam afirmativamente à 1.ª questão e 9 à 2.ª. Evidentemente que não pretendemos com estes números inferir percentagens, dado o pequeno número de pessoas abordadas, mas quanto mais não fosse, se assim fosse, 74 pessoas

de Espinho veriam interesse neste trabalho.

Registamos ainda depoimentos de pessoas sobejamente conhecidas que quiseram falar-nos:

Dr. José Marmelo e Silva: — Soeiro Pereira Gomes é dos criadores mais puros do neorealismo. Militante do Partido Comunista. Morreu quando trabalhava na clandestinidade. Há uma necessidade urgente de homenagear este escritor.

Sr. António «Russo»: — Penso que a primeira greve da EFACEC, no Porto, foi organizada por ele. Julgo que nessa altura esteve aqui algum tempo, escondido em casa de uma tia que era parteira.

(1) In ESTEIROIS.

(2) Esta, é a inscrição colocada sobre a urna de Soeiro Pereira Gomes, referida numa notícia do jornal República de 7 de Dezembro de 1949: «... a população de Alhandra, à qual o extinto dispensara tantas provas de carinho, não quis deixar de prestar ao seu amigo as últimas homenagens. Juntou-se uma multidão silenciosa, aguardando os restos mortais de Soeiro Pereira Gomes. A coroa colocada sobre a urna tinha uma inscrição comovente. Quando o funeral passou nas ruas da

vila, havia lágrimas nos olhos de todos, homens e mulheres. Cantou-se a «Portuguesa». Foi um momento de terrível emoção!»

(3) Extracto do cap. «Os Clandestinos», da obra de José Dias Coelho: «A Resistência em Portugal».

José Dias Coelho, pintor de génio e destacado lutador antifascista, que a PIDE assassinou a tiro, em 1961, nas ruas de Lisboa, terminara estas linhas pouco antes da sua morte.

(4) In «Contos Vermelhos».

 RESIDÊNCIA 1.ª CLASSE * * * * * GIRASSOL RUA SÁ DA BANDEIRA, 132 TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL	Todos os quartos com banho Todas las habitaciones con baño Toutes les chambres avec salle de bain Every room with bath RESTAURANTE TELEFONE 27393 MARISCOS — PRATOS REGIONAIS BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS FEIJOADA A BRASILEIRA
--	---

Centro de Enfermagem de Espinho	
Todo o serviço de enfermagem, aluguer de oxigénio, camas articuladas e aspiradoras, massagem e recuperação por pessoa especializada. * Ambulância c/ oxigénio para transporte de doentes.	Telefone 921587 (das 8 às 21 horas) Telefone de urgência 922329 (das 21 às 8 h.) Horário — Das 8 às 13 e das 14 às 21 horas Semana Inglesa Rua 16 n.º 868 ao lado dos Bomb. V. de Espinho

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. L.DA

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão)
(Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: **HERCULES**

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

"HERCULES"

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

MÓVEIS COUTO

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

RESTAUROS — ESTOFOS
DECORAÇÕES
— ESPINHO —

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

MÓVEIS — ELECTRODOMÉSTICOS — RADIO e TV
— IMPORTADOR — REVENDEDOR —
BOSCH — KREFFT — SIMENS — LOEWE-OPTA

Preços de Importação

Frigorífico 140 L	3.500\$00
Frigorífico 200 L	4.500\$00
Frigorífico 245 L	5.100\$00
Frigorífico 270 L	5.600\$00
Frigorífico 300 L	7.700\$00
Máquina de lavar roupa	7.850\$00
Torradeiras	225\$00
Ferros automáticos eléctricos	240\$00
Exaustores cozinha	440\$00
Secadores Metal	240\$00
Secadores Plástico	220\$00

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032

PORTO



GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

• MÚSICA DE BAILE •

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

• VARIEDADES •

— BALLET «GOLDEN GIRLS» (Francês)
— BELITA & CHARLY KAY (Acrobatas dinamarqueses)
— ANDREOR (Ilusionista francês)
— NATÉRCIA MARIA (Cançonetista portuguesa)

• RESTAURANTE •

Jantares concerto — Esmerado Serviço
SALÃO RESTAURANTE ★ SLOT-MACHINES

• CINE-TEATRO • Sessões todos os dias •

TARDE INFANTIL

No Salão de Festas — Sábado, 10 de Agosto, 17.30 horas
PALHAÇOS — EQUILIBRISTAS — CANÇÕES — ILUSIONISMO INFANTIL
A Toddy — dará a todos os miúdos e miúdas um lanche

Preços: Adultos 20\$00 — Crianças 10\$00

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Alves & Ferreira, L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

MARMORES E GRANITOS

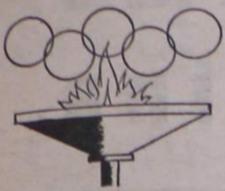
MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

**A "Defesa" precisa de mais
assinantes**



desporto



FUTEBOL

INICIO DE ÉPOCA

O Sporting de Espinho já iniciou a sua campanha preparatória para o Nacional da 1.ª Divisão. Foi no fim da passada semana com alguns dos seus futebolistas a sujeitarem-se ao agora tão em voga teste de Cooper.

Nos primeiros trabalhos não se viram as «caras-novas», tão desejadas dos adeptos que, pelas suas contatadas, julgam necessárias para reforço da equipa. Por enquanto só se fala em hipóteses. A única certeza é a do treinador Fernando Caiado, exemplar desportista e que como técnico esteve ao serviço do Benfica e da CUF, onde desenvolveu trabalho meritório.

Entretanto os treinos têm prosseguido, primeiro só sob o aspecto de preparo físico, mas agora já com a bola a saltitar. Na próxima semana, tudo leva a crer, o ritmo dos trabalhos vai acelerar e conta-se com um maior número de presenças de futebolistas. Fala-se de Bené e Gualter, ambos ex-F. C. Porto, do ex-benfiquista Cruz, que foi campeão europeu, e de Leal, que, revelando-se nos júniores do Salgueiros, já esteve a jogar no Benfica, actuando a época passada no Vilanovense. Diz-se também que o F. C. do Porto continuará a colaborar com o Sporting de Espinho, dispensando por mais uma época os atletas Gabriel, Ferreira da Costa e Aníbal.

Com a posse da nova Direcção, que continuará a ser presidida pelo Dr. Gomes de Almeida, teremos a secção de futebol do S. C. E. a encetar verdadeiramente os seus trabalhos que haverão de corresponder aos anseios da colectividade nesta sua primeira época como primodivisionária.

TERMINOU O FUTEBOL DE SALÃO

Atingiu o seu termo, no passado sábado, o Torneio de Futebol de Salão organizado pelo Departamento das Modalidades Amadoras do Sporting de Espinho.

Com o pavilhão cheio de um público entusiasta, o programa da noite iniciou-se com o jogo para apuramento do 3.º e do 4.º lugares, nos quais se classificaram, respectivamente, a «Recauchutagem Espinhense» e «Os Democratas».

Para o 1.º e 2.º lugares jogaram as representações da «Câmara Municipal» e do «Cantinho da Ramboia». Venceram os «camarários» após um jogo equilibrado, que obrigou a um prolongamento e à discussão do título através da marcação de grandes penalidades.

Ao mesmo tempo que se felicitam as equipas intervenientes pela compostura com que de uma maneira geral disputaram o torneio, felicitam-se também a comissão organizadora pelo trabalho realizado e pelos resultados financeiros obtidos, pois, embora sem atingirem os números da época passada, acabaram por constituir uma excelente verba que vai reverter a favor das modalidades amadoras do S. C. E. e, não só porque irão igualmente ajudar a cobrir as despesas com as obras que se têm vindo a realizar no Pavilhão J. Moreira da Costa, recinto que além de estar ao serviço do clube tem estado também ao dispor do Liceu de Espinho. É de assinalar esta cooperação do Sporting de Espinho com o referido estabelecimento de ensino porque comprova quanto a agremiação desportiva é útil, servindo os interesses da cidade.

Cartaz

A contar para o Campeonato Nacional da 2ª Divisão, zona norte, a equipa Sénior de Hóquei em Patins da Associação Académica de Espinho, deslocou-se ao C. D. U. Porto onde foi vencer por 5-1, mantendo assim o comando do campeonato.

A equipa de Futebol de Salão da Câmara Municipal de Espinho, venceu o Torneio organizado pelo Sporting Clube de Espinho. Registe-se que o vencedor foi encontrado na final por penalties entre aquela equipa e a do Cantinho da Ramboia.

Também os Iniciados se deslocaram aos Carvalhos onde foram derrotados pela equipa local por 3-2, depois de um despique muito animado. Apesar de derrotada a equipa da Associação Académica de Espinho, classificou-se para a fase seguinte.

Teve início no dia 2 o 5.º Torneio de Futebol de Salão organizado pela secção de Automobilismo da Associação Académica de Espinho. Tem a participação de 20 equipas e os jogos disputam-se no pavilhão Arquitecto Gerónimo Reis.

ATENÇÃO

Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Reserve já o seu lugar para a nossa sensacional **EXCURSAO AO ALGARVE**, visitando toda a Costa Algarvia em luxuoso Autopullman — Partida em 18 de Agosto e chegada a 25 de Agosto
Preço 350\$00 — Marcação de lugares na TABACARIA SPORTING
Rua 8 n.º 641 — Espinho — Repres. de Turismo Carlos, R. 22 n.º 236 — Espinho

Olé — Notícias das Touradas

Para a inauguração da temporada em Espinho, foram lidados oito touros da ganadaria de Dona Maria Ana Passanha, bem apresentados, cara séria e de respeitáveis cabeças.

A sua excelente presença não correspondeu porém a bravura. Os quatro primeiros, demasiado quedados e broncos, impossibilitaram a lide na primeira parte do espectáculo.

Somos no entanto de opinião que no excesso de peso, estaria a causa da falta de investida que apresentaram.

Esperava a maioria do público a presença de Ricardo Chibanga que, por terras de Espanha, conta triunfos por corrida e é desejado pela aficção que gosta de ver, na arena, emoção e perigo.

Castigado mais uma vez, Chibanga foi colhido de gravidade numa praça espanhola, encontrando-se em convalescença numa clínica especializada.

Impedido de estar em Espinho, foi substituído pelo matador espanhol Juanito Muñoz.

Tudo isto é normalíssimo na «festa de touros», em Madrid, Sevilha ou em Lisboa. Porém, o que não consideramos lógico e muito menos tratando-se de uma aficção menos experiente, como a norte-nha, é que os avisos de substituição de uma «cabeça de cartaz», sejam feitos com tanto sigilo, a ponto da grande maioria do público só se aperceber do facto quando saiu à arena o quarto touro da tarde.

Juanito Muñoz sofreu a bronca e manifestação de desgosto que lhe não estavam destinadas, mas sim à Empresa exploradora, pela pouca consideração que lhe mereceu o público, além do descré-

to que tudo isto representa, para a praça Solverde.

Espinho, não quer ser vítima do sistema usado recentemente em corridas de touros realizadas no norte, onde o respeito pelo público não é observado e o regulamento oficial que rege os espectáculos taurinos, não conta.

Neste sentido, tomamos a liberdade de chamar a atenção da Inspecção Geral dos Espectáculos. Os aficionados norte-nhos, têm direitos idênticos aos de qualquer outra região do país.

Foi no último touro que Juanito Muñoz, demonstrou as suas qualidades de toureiro dominador e artista.

Como mérito incontestável, devemos considerar o seu conhecimento de lide, conseguindo modificar um touro manso, difícil e perigoso, num animal de lide que seguia obediente os voos repousados da muleta, demonstração de mando, quietude e temple.

Notamos impecáveis passes por ambos os lados, em redondo e outros por alto de excelente marca.

No final uma grande ovação que Juanito levou para Espanha.

Como desejamos, com sinceridade, o bom nome da praça de touros de Espinho, devemos chamar a atenção para o artigo 35.º do Regulamento Tauromáquico que determina a presença de uma banda de música, para abrilhantar o espectáculo.

Realmente está fora do uso, a actuação de um «conjunto» que, por muito bom que seja, não consegue imprimir o carácter tradicional e próprio de uma praça de touros.

Barata Ribeiro

GRUPO A m/6 anos

Praça de Toiros de ESPINHO



GRANDIOSA
CORRIDA DE TOIROS

Amanhã às 16, 30

CAVALEIROS

DAVID R. TELES
FREDERICO CUNHA

ESPADAS

JOSÉ SIMÕES
OSCAR ROSMANO

Forcados Amadores de Sousel
capitaneados por Luís Saramago

8 touros da prestigiosa ganadaria
de Porto Alto

BILHETES À VENDANA:

CASA CAMPIÃO - PORTO - Tel. 25134
COMISSÃO MUNICIPAL DO TURISMO DE ESPINHO - Tel. 920911
BILHETEIRA DA EMPRESA DO EDIFÍCIO DO CASINO DE ESPINHO

COMPANHAS DE PESCA DE ARRASTO DE ESPINHO NO SÉCULO XVIII e XIX

(Continuação da página 1)

- Companha Velha de S. José de Ribamar, Espinho: 103 sócios.
1831 — Companha da Granja Velha, Espinho: 4 sócios.
Companha de Santa Maria, Espinho: 120 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Anta: 114 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Hora, Anta: 101 sócios.
Companha de S. José de Ribamar, Espinho: 114 sócios.
1832 — Companha da Granja Velha, Espinho: 4 sócios.
Companha de Santa Maria, Espinho: 86 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Anta: 115 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Hora, Anta: 104 sócios.
Companha de S. José de Ribamar, Espinho: 120 sócios.
Companha do Arromba, Espinho.
Companha do Arruaça, Espinho.
Companha dos Moleiros, Anta: 5 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 105 sócios.
1833 — Companha Velha, Espinho.
Companha Nova de S. José de Ribamar, Espinho.
Companha Velha de S. José de Ribamar, Espinho: será a mesma indicada neste ano?
Companha de Santo Agostinho, Espinho.
Companha Nova de Santo António e Almas, Espinho.
Companha de S. João Baptista, Espinho.
Companha Nova de Silvalde.
Companha Velha de Sto. António, Silvalde: suponho que esta e a precedente pescassem no dito mar de Espinho.
1834 — Companha Velha de S. José de Ribamar, Espinho.
Companha de Santo Agostinho, Espinho: 43 sócios.
Companha da Boa Nova dos Três Anjos, Espinho: 52 sócios.
Companha Nova de Santo António, e Almas, Espinho: 37 sócios.
Companha de S. José de Ribamar, Espinho: 83 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Hora, Anta: 69 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Anta: 118 sócios.
Companha do Granja Novo: 125 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 126 sócios.
Companha de Santo António, Silvalde: 107 sócios.
Companha de Santo Tirso, Paramos: 122 sócios.
Companha de S. Tiago, de Riomeão: 158 sócios.
Companha de Santo António, Esmoriz: 147 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Penha de França, Esmoriz: 94 sócios.
1836 — Companha do Sol, Espinho: 129 sócios.
1837 — Companha Nova do Sol, Espinho.
Companha de Santo Agostinho, Espinho: 87 sócios.
Companha de S. José de Ribamar, Espinho: 95 sócios.
Companha de Santo António, Silvalde: 108 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 111 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Penha de França, Esmoriz: 102 sócios.
Companha da Boa Nova dos Três Anjos, Espinho: 130 sócios.
1838 — Companha Velha de S. José de Ribamar, Espinho: 105 sócios.
Companha da Boa Nova dos Três Anjos, Espinho: 162 sócios.
Companha Nova do Sol, Espinho: 145 sócios.
- Companha de Nossa Senhora da Penha de França, Esmoriz: 115 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 111 sócios.
Companha de Santo Agostinho: 150 sócios.
1839 — Companha Velha de S. José de Ribamar, Espinho: 133 sócios.
Companha Nova do Sol, Espinho: 168 sócios.
Companha da Boa Nova dos Três Anjos, Espinho: 162 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 136 sócios.
Companha de Santo António, Silvalde: 99 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Penha de França, Esmoriz: 128 sócios.
1840 — Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 140 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Penha de França, Esmoriz: 128 sócios.
Companha de Santo António, Silvalde: 94 sócios.
Companha Velha de S. José de Ribamar, Espinho: 132 sócios.
Companha Nova do Sol, Espinho: 166 sócios.
1841 — Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 157 sócios.
Companha da Boa Nova dos Três Anjos, Espinho: 262 sócios.
Companha Velha de S. José de Miramar, Espinho: 151 sócios.
Companha de Nossa Senhora da Penha de França, Esmoriz: 145 sócios.
Companha de Santo António, Silvalde: 88 sócios.
Companha Nova de S. Tiago, Espinho: 49 sócios.
1842 — Companha Velha de S. José de Ribamar, Espinho: 135 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Silvalde: 156 sócios.
Companha de Santo António, Silvalde: 76 sócios.
Companha de Nossa Senhora do Rosário, Anta: 189 sócios.
1845 — Companha de S. Miguel Arcaño, Espinho.
1846 — Os pescadores de Espinho não querem pagar o imposto do pescador.
1847 — Companha de Santo António, Riomeão.
1848 — Companha de Santo António, Riomeão.
1849 — Companha de Santo António, Riomeão.
1851 — Companha de Santo António, Riomeão.
1852 — Companha da Boa Nova dos Três Anjos, Espinho.
1853 — Companha de Nossa Senhora da Ajuda, Espinho.
1855 — Companha da Boa Nova dos Três Anjos, Espinho.
1857 — Companha Velha do Senhor dos Aflitos, Espinho.
Companha Nova do Santo Nome de Jesus, Espinho.
1861 — Companha do Senhor do Monte, Espinho.
1865 — Companha Nova de S. Cristóvão, Espinho: 4 sócios.
1884 — Sociedade de pesca de mugiganga, Espinho: 3 sócios.
1893 — Companha de Santo António, Espinho: 13 sócios.
- Este elenco numeroso de Companhas que noutros tempos trabalharam em Espinho está, certamente, incompleto. Sobre tudo da sua parte económica quase nada se sabe. Será possível que de tantas Companhas não tenham escapado quaisquer livros da sua escrituração? A que Julgado de Paz pertencia Anta e onde parará os respectivos processos, em que certamente haverá bastantes elementos importantes sobre o tema deste estudo? Quaisquer informações serão bem vindas.

Pe, Aires de Amorim

GAZETILHA

Requiem...

*Ver o seu fim, faz-me retroceder
A tempos idos e eras recuadas;
Veredas de saudade a percorrer,
Com as suas etapas bem marcadas;*

*Como a da minha infância Que eufórica
Miúdos como eu, alegremente,
Galgavam os degraus em correria,
Para o comboio ver, d'alto e de frente!*

*Festividades, acontecimentos,
Sucessos atraindo a multidão,
Punham na velha «ponte», por momentos,
Cachos humanos, em agitação.*

*Um ror de gerações a utilizou
E milhões de olhos se fixaram nela.
Nonagenária, por fim lá se finou...
Essa incrível bizarra — a passarela.*

*Já era um elemento da paisagem,
Em postais ilustrados retratada;
Quase «ex-libris» de Espinho — que a
[voragem
Dos dias d'hoje arrasta, destroçada...*

*Juntando-me à emoção de quem te vê
Desmantelar, sem dó nem piedade,
— Defunta «passerelle» da Cêpê,
Aqui te deixo um preito de saudade!*

Alberto Barbosa (Beka)

O PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO E O VOTO DOS EMIGRANTES

Recebemos com o pedido de publicação o seguinte comunicado:

1. Portugal é desde longa data um país de emigração. Condições de vida deficientes obrigaram muitas famílias portuguesas a abandonar o solo pátrio. A partir da década de cinquenta, o fenómeno emigratório ganhou proporções assustadoras e verdadeiramente dramáticas. A falta de dinamismo da economia, a injusta distribuição da riqueza criada e, sobretudo, a incapacidade de resposta aos problemas revelada pelo regime fascista deposto em 25 de Abril conduziram a uma sangria das forças do Povo português, que não pode permitir-se que continue.

2. A maior parte dos nossos compatriotas que foram obrigados a abandonar os seus lares devido à opressão económica e social reinante no período do fascismo, não cortaram, porém, os laços que os unem a Portugal. Mantêm no País as suas mulheres e os seus filhos a quem sustentam, enviando-lhes uma parte do fruto do seu trabalho, quantas vezes difícil e penoso. Pensam, enfim, em construir em Portugal o seu futuro e o dos seus familiares, desde que este País, que é também o seu, lhes dê possibilidades de uma vida livre digna e em merecido desafogo económico.

Esses portugueses, que constituem um dos sectores mais nobres e, ao mesmo tempo, mais sacrificados do nosso povo, estão altamente interessados na reconstrução democrática que em boa hora o 25 de Abril iniciou. O futuro de Portugal há-de construir-se através do esforço de todos os portugueses e os emigrantes nunca poderão ser esquecidos.

3. A cidadania é uma qualidade pessoal. Daí que, naturalmente, não possam votar aqueles que perderam a nacionalidade portuguesa. Mas os que, trabalhando no estrangeiro, mantêm com o País efectivas ligações, esses não podem ser privados do direito de voto. Seria uma clamorosa injustiça impedi-los de participar na definição das grandes opções colectivas.

Como tal, o Partido Popular Democrático considera absolutamente imprescindível a definição, por parte da lei eleitoral, de critérios reguladores do direito de voto dos emigrantes, por forma a serem abrangidas amplas camadas de portugueses residentes no estrangeiro.

O Partido Popular Democrático considera ainda que nunca poderão ser alegadas dificuldades técnicas para retirar o direito de voto aos emigrantes; essas dificuldades, a existirem, terão de ser superadas por oportuna reforma dos serviços competentes, e nunca por restrições ao exercício do direito de voto.

Lisboa, 31 de Julho de 1974.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11.877

ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO